



O quarto de Mario Quintana reconstituído com objetos originais em um aposento da Casa de Cultura, montada no antigo Hotel Majestic

# Quarto em verso

Em Porto Alegre, a Casa de Cultura Mario Quintana reconstituiu o cômodo de hotel que funcionou como universo paralelo do "feiticeiro do simples" por Décio Galina  
fotos Dulce Helfer e Tadeu Fessel

O maior quadro na parede é do amor platônico Greta Garbo ("O teu sorriso é imemorial como as Pirâmides / É puro como a flor que abriu na manhã de hoje..."). O cinzeiro guarda bitucas esmagadas, símbolo dos dois maços de Carlton que fumava por dia e do hábito que durou dos 14 aos 82 anos ("É o vício que diferencia o homem do animal"). O bondinho amarelo de brinquedo sobre a mesa remete aos longos passeios pela capital às margens do lago Guaíba. ("Há tanta esquina esquisita / Tanta nuance de paredes / Há tanta moça bonita / Nas ruas que não andei..."). Cada objeto deste quarto tem a simplicidade e os versos de Mario Quintana, poeta gaúcho do Alegrete, onde nasceu em 30 de junho de 1906, e que há dez anos nos deixou na saudade. O aposento decorado com os objetos pessoais do "feiticeiro do simples" é a mais nova atração da Casa de Cultura Mario Quintana, sediada no prédio de sete andares do antigo Hotel Majestic, centro de Porto Alegre. Sobrinha e companheira até o último suspiro, Elena Quintana reconstituiu o lar do poeta no hotel que lhe serviu de moradia de 1968 a 1980. "Montar esse quarto, baseado em fotos feitas por Liane Neves no dia da morte do tio Mario, foi doloroso, pois representou a certeza de sua ausência", recorda Elena.

Novo MICHELIN  
*Pilot* SPORT 2

LANÇAMENTO



OGILVY



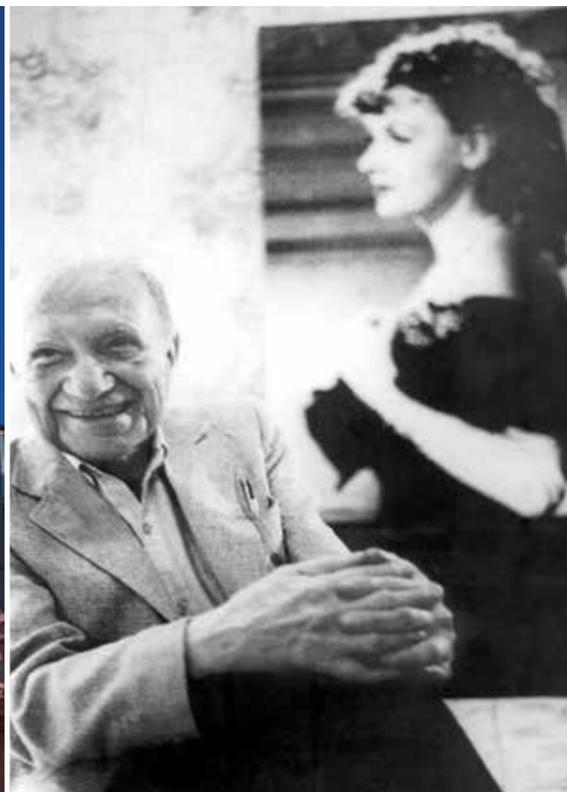
**O pneu que amplia todos os limites.**

A marca que oferece uma linha completa de pneus de alta performance traz um novo lançamento. Inspirado nos pneus de Fórmula Um, o Pilot Sport 2 é ideal para quem exige muito do seu superesportivo. Aprovado pelas principais montadoras do mundo, garante domínio absoluto das trajetórias e total segurança em pista seca ou molhada. Pilot Sport 2, toda a precisão que você quer, com o máximo prazer que você merece.

SAC 0800 90 9400 [www.michelin.com.br](http://www.michelin.com.br)



A melhor maneira de ir mais longe

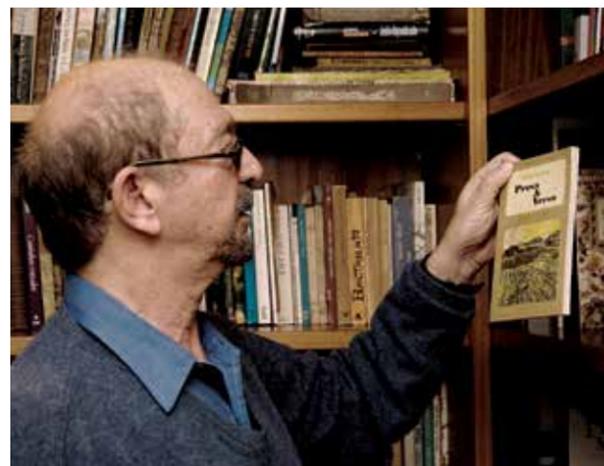


NEXT FOTO/LEOPOLDO PILENTZ

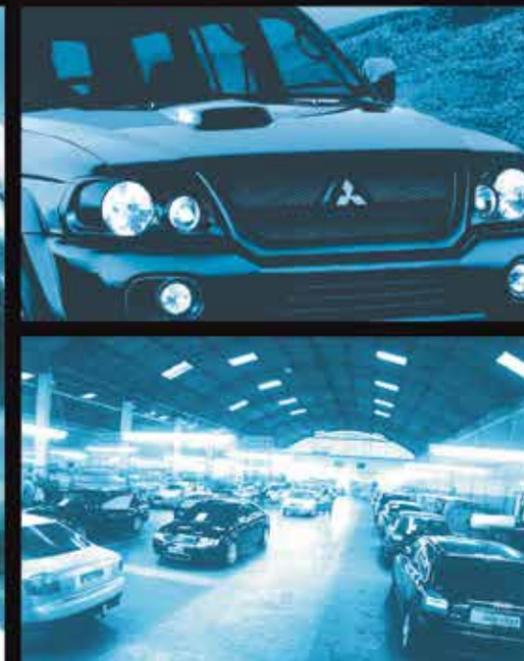
“Na verdade, ele deixava as coisas mais bagunçadas do que agora.” E, ainda que em ordem, está tudo ali: a máquina de escrever Remington que usava nas redações de jornal (datilografando apenas com o indicador direito, já que a mão esquerda segurava o queixo); o prêmio de literatura recebido em São Paulo em 1982 (“Tio Mario adorou esse troféu, que usava para pendurar gravatas, cintos e guarda-chuva”); as caixinhas onde depositava desde contas até bilhetes de loteria (“Ele apostava sempre no número 02666”); a bergère bordô (“Ele cismou que queria uma dessa cor”); a bengala, companheira desde que foi atropelado por um carro que dava marcha a ré; e, claro, o tão adorado roupão.

Era sentado à beira da cama que Mario talhava poesias sobre uma prancheta amarela de acrílico. Conferia o ritmo dos versos batucando na tal prancheta. Satisfeito com o serviço, tinha mania de pôr os papéis embaixo do travesseiro. Passava as madrugadas acordado até as 5 horas — período em que se livrava do aborrecimento de atender ao telefone, coisa que odiava. A televisão ficava ligada, mas muitas vezes sem som. Despertava lá pelas 11 da manhã e encarava um

Acima, à esquerda, fachada do Hotel Majestic. Acima, o próprio feliz da vida em frente ao quadro da musa Greta Garbo. Abaixo, Moacyr Scliar, escritor e ocupante da cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, puxa da estante de casa a obra *Prosa e Verso*, de Quintana. “Após a segunda derrota na Academia, Mario não aceitou outra candidatura, o que é uma ironia, pois a terceira eleição ele seguramente venceria”, declarou Moacyr



A Guardian Blindagens cuida do seu bem mais precioso.



Certeza de estar bem.



O hábito de fumar do poeta porto-alegrense durou dos 14 aos 82 anos. "O cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar", bafou certa vez Mario Quintana

almoço às três. Na hora de matar a fome, a sardinha enlatada, regada a molho inglês, combinava divinamente com o arroz pedido na cozinha do hotel. À noite, fruta, pudim, café (servido em copo de compota "para conservar o calor") e água com gás, ou com "bolinha", como dizia.

E daí, no meio da tarde, como acontece a qualquer ser humano, batia aquela vontade de fazer nada. Mario, então, se entregava ao ócio de corpo e alma. "A preguiça é a mãe do progresso", eternizou. "Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda." O oposto da inércia também lhe agradava — e muito. Mario não tinha dó da sola do sapato e batia pernas em lugares que se tornaram parte da paisagem. "A rua da Praia era o chão dele", explica Elena sobre a rua que, de fato, chama-se dos Andradas. Esse é o endereço da Livraria do Globo, local onde Mario trabalhou sob a direção de Érico Veríssimo em 1956, após participar da Revolução de 30 e morar no Rio de Janeiro. Mario traduziu toda a obra do francês Marcel Proust, além de Virginia Woolf, Charles Morgan e tantos outros.

A praça da Alfândega também era passagem obrigatória do autor de *A Rua dos Cataventos* (1940) e do volume único *Poesias* (1962), com a produção das décadas de 40 e 50. "Ele andava encurvado, com o cigarro no canto da boca, sempre sozinho", rememora o escritor porto-alegrense Moacyr Scliar. "Mario dava a impressão de caminhar nas nuvens." Autor de 67 livros e colunista dos jornais *Zero Hora* e *Folha de S.Paulo*, Moacyr homenageou Mario ao ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 2003. A Academia barrou duas vezes a entrada de Mario, fato que significou um trauma para o poeta e para todo o Rio Grande do Sul.

Avesso à disputa de poder e sem entender muito bem por que tantas pessoas o cumprimentavam nas ruas de Porto Alegre, bastava o universo do próprio quarto para Mario falar das angústias humanas:

*Este quarto de enfermo, tão deserto  
de tudo, pois nem livros eu já leio  
e a própria vida eu a deixei no meio  
como um romance que ficasse aberto...  
que me importa este quarto, em que desperto  
como se despertasse em quarto alheio?*

*Eu olho é o céu! Imensamente perto,  
o céu que me descansa como um seio.  
Pois só o céu é que está perto, sim,  
tão perto e tão amigo que parece  
um grande olhar azul pousado em mim.*

*A morte deveria ser assim:  
um céu que pouco a pouco anoitecesse  
e a gente nem soubesse que era o fim... ▲*



# O que para outros é desafio, para nós já virou rotina.



## Castrol. Bicampeã do Rally dos Sertões.

Pelo segundo ano consecutivo, a Castrol contribuiu para a vitória da equipe Mitsubishi Racing no Rally dos Sertões. Os pilotos Guilherme Spinelli, bicampeão da prova, e Ingo Hoffmann, segundo colocado, usaram Enduron, o óleo de base sintética de alta performance da Castrol. Indicado apenas para off roads de verdade.

Lubrificante recomendado pela Mitsubishi para toda a linha diesel.

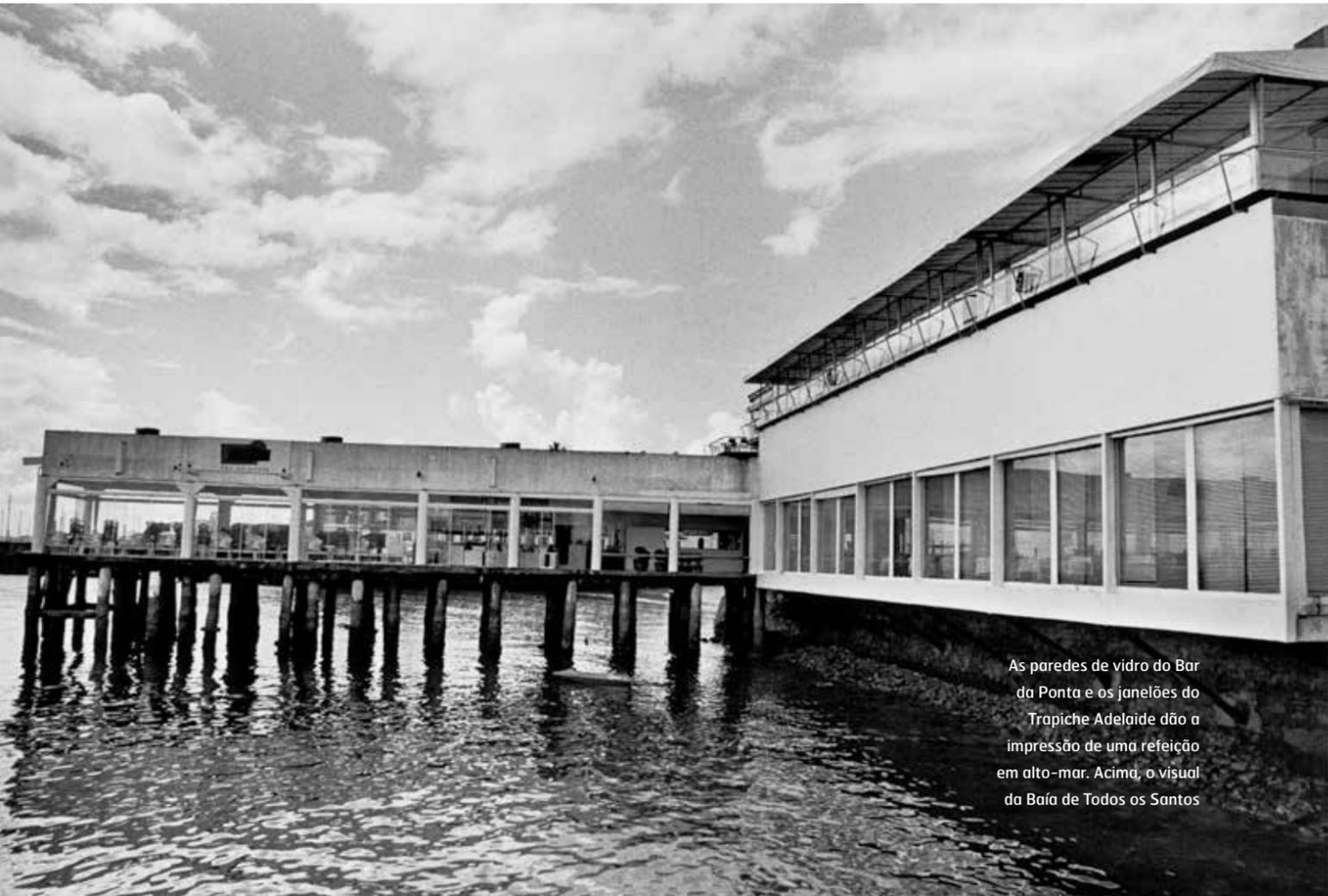




# TRAPICHE ARRETADO

Restaurante mais sofisticado de Salvador ressuscita área com vista para a Baía de Todos os Santos

por Décio Galina fotos Rogério Alonso



As paredes de vidro do Bar da Ponta e os janelões do Trapiche Adelaide dão a impressão de uma refeição em alto-mar. Acima, o visual da Baía de Todos os Santos

No Bar da Ponta, a grande pedida é o arrumadinho, uma inigualável mistura de feijão, farofa e carne-de-sol em camadas. No restaurante Trapiche Adelaide, vale a pena experimentar a carne-seca com abóbora, a preferida do jornalista multimídia Nelson Motta. Os dois lugares, um ao lado do outro e ambos debruçados sobre a Baía de Todos os Santos, ostentam uma lista sem fim de admiradores graças à qualidade de seus pratos — e talvez por isso tenham virado unanimidade em Salvador. No início do século XX, o local era um armazém. Na década de 50, passou a ser uma marina. O grande salto, no entanto, aconteceu em 1994, quando o espaço abriu as portas para escritórios de profissionais renomados, como a produtora de eventos Lícia Fabio e o arquiteto David Bastos.

Em 10 de março de 1997, a inauguração do Trapiche Adelaide consolidou de vez o sucesso do pedaço. “Salvador não tinha restaurante que atendesse um público sofisticado”, comenta o carioca José Carlos Gomes, sócio do empreendimento. Inspirado no Hotel Delano (obra de Philippe Starck, em Miami), David Bastos projetou o Trapiche com um pé-direito de 6 metros, enquanto o Bar da Ponta ganhou paredes de vidro que dão a impressão de uma refeição em alto-mar. Após degustar o cardápio do festejado chef ítalo-paulistano Luciano Boseggia, a dica é passear pelos arredores. “Você caminha até o Mercado Modelo e depois volta ao Elevador Lacerda, para fechar o passeio no Pelourinho”, sugere José Carlos. Precisa mais? ▲



O empresário carioca José Carlos Gomes. Acima, o trapiche no começo do século passado



ACERVO MUSEU HISTÓRICO ABILIO BARRETO

A Casa do Baile, projetada por Oscar Niemeyer, em dois momentos: em junho de 2004 (foto colorida) e década de 50 (ao lado). No canto esquerdo da página ao lado, os casais rodopiam no salão durante o baile de debutantes, em 1951

# Dois pra lá, dois pra cá



REPRODUÇÃO REVISTA SOMBRAS

Organizada por Sarah Kubitschek, a festa das debutantes de 1951, em Belo Horizonte, colou na memória de quem esteve na Casa do Baile, na Pampulha

por Décio Galina  
fotos Tadeu Fessel

Um batom suave e quase nada de ruge. Cabeleireiro? Nem pensar. Os cachos de Ângela Pinheiro foram feitos com grampo mesmo, em casa. “Me arrumei meia hora antes da festa”, lembra. “Era tudo muito diferente naquela época.” Ângela, então com 15 anos, era uma das 30 que estavam prestes a viver uma noite de princesa. Toda de branco, logo estaria rodopiando na balada organizada por dona Sarah Kubitschek, a primeira-dama do Estado. Era a festa das festas. Ano: 1951. Local: Casa do Baile, construída em uma ilha artificial na lagoa da Pampulha, Belo Horizonte. A Casa é uma das quatro obras do conjunto arquitetônico assinado por Oscar Niemeyer, ao lado da Igreja de São Francisco de Assis, do Museu de Arte da Pampulha e do Iate Tênis Clube.

O prédio térreo, composto de dois cilindros e uma marquise sinuosa (com o formato que remete ao contorno da ilha artificial), foi inaugurado em 1945. Fechou suas portas de vidro pouco depois, em 1946, no vácuo da proibição dos cassinos. “A idéia de Sarah, com um evento pioneiro como aquele, era resgatar o brilho da Casa do Baile”, comenta

Ângela. Orquestra ao vivo, gente importante do Rio de Janeiro marcando presença e muita fofoca sobre quem dançaria com quem a valsa da meia-noite. “Na hora de escolher o par da moça, a família levava em consideração o partido político do rapaz”, recorda Ângela, que acabou bailando com Álvaro José Batista de Oliveira, do PSD (Partido Social Democrático, do então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek).

O conto de fadas ganhou tons de sonho quando Ângela foi contemplada com um vestido no sorteio promovido pela Fábrica de Tecidos Bangu. “Não acreditei quando ouvi meu nome ser anunciado.” Priscila Freire, hoje diretora do Museu de Arte da Pampulha, também viveu o frisson causado pelo baile. “Vestidas com modelos do estilista Alceu de Paula Penna, as mulheres cariocas esbanjavam poder de sedução”, comenta Priscila. “Elas representavam a sociedade da qual o mineiro tinha o desejo de participar”, continua. “Enquanto Belo Horizonte perpetuava um modo de vida provinciano, o Rio era sinônimo de paraíso para se viver.” ▶



REPRODUÇÃO REVISTA SOMBRA

Acima, Ângela Pinheiro, uma das 30 debutantes, mostra o vestido que ganhou no sorteio realizado pela Fábrica de Tecidos Bangu, ao lado de Sarah Kubitschek. Abaixo, Priscila Freire retorna ao local da festa para emprestar algumas peças a uma exposição de arte modernista



“O que importava na hora de escolher o parceiro era seu partido”, diz Ângela

Priscila sorri ao lembrar que a “dança era aos pares” e que “não havia essa coisa moderna de dança independente”. O jeito de dançar, ah, isso também não dá para esquecer. “Eram dois pra lá e dois pra cá...” Nas palavras de Ângela, o que aconteceu aquela noite “foi algo diferente, muito extraordinário, como se tudo fizesse parte de um show”. A memorável badalação ficou registrada em uma reportagem da revista carioca *Sombra*, edição de novembro e dezembro de 1951, a mesma que trouxe em suas páginas a cobertura da primeira Bienal de São Paulo.

Atualmente, a Casa do Baile está novinha em folha, após ser restaurada e reaberta em 2002. Até os jardins foram revitalizados obedecendo a proposta original de Burle Marx. No dia em que concedeu entrevista à *Mitsubishi Revista*, Priscila visitava o local, onde hoje funciona um centro cultural. Ela levava peças da coleção particular de arte para a exposição *O Modernismo em Belo Horizonte: costumes, design e ambiente urbano*. Niemeyer também retornou ao local em março de 2005, quando desenhou um painel e explicou que a marquise em curva não fora feita apenas para seguir as linhas do contorno da ilha. “Na verdade, era o elemento plástico da curva que me interessava”, disse o arquiteto. No canto direito do painel colocado no salão da Casa do Baile, ele deixou uma mensagem que nada tem a ver com arquitetura, muito menos com os tempos áureos dos bailes de debutante. “Todos contra Bush”, exortou o eterno militante.

